

Democracia, ditadura e soberania nacional para os ex-combatentes da FEB

ANA PAULA IERVOLINO*

Em primeiro de setembro de 1939, lia-se num telegrama enviado ao governo brasileiro por sua Legação em Varsóvia: *O território polonês acaba de ser invadido por tropas alemãs.*¹ Diante da imediata reação belicosa da França e Grã-Bretanha contra o país agressor, deflagrando oficialmente a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um decreto-lei do governo aprovou as regras de neutralidade brasileira.² Getúlio Vargas estava no poder desde 1930. Após um período de aparente legalidade de seu governo, foi instaurado, em 1937, o Estado Novo, ditadura que centralizou ainda mais poderes nas mãos do presidente e de seus auxiliares diretos, perdurando até 1945.³ Nesse meio tempo, apesar de conflitos de interesses que envolveram nacional e internacionalmente o posicionamento na guerra, o Brasil não apenas se alinhou aos Estados Unidos, Grã Bretanha, União Soviética e seus aliados contra a Alemanha, Itália e Japão, mas participou efetivamente do confronto com forças militares. A Força Expedicionária Brasileira (FEB), formada por cerca de 25 mil homens, foi incorporada entre 1944 e 1945 a unidades norte-americanas que enfrentaram tropas compostas principalmente de soldados alemães que ocupavam a parte Norte da Itália.

Este artigo problematiza até que ponto ideais em torno de princípios liberais e de apelos patrióticos – amplamente difundidos pelo governo brasileiro e pelo comando da FEB – faziam parte de preocupações de expedicionários subalternos. São apresentadas reflexões que integraram a pesquisa de mestrado que trata de questões identitárias envolvidas na participação na FEB de jovens provenientes de comunidades alemães do Sul do Brasil.⁴ Para tanto, foram estudados livros de memórias e entrevistas de veteranos da FEB.

* Aluna do curso de Mestrado oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Agência financiadora da pesquisa: FAPESP.

¹ Apud BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (1944, p. 53).

² Decreto-Lei N. 1.561, de 2 de setembro de 1939, assinado pelo Presidente da República. Apud BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (1944, p. 69).

³ Cf. Carone (1977).

⁴ *A participação de teuto-brasileiros na FEB: memória e identidade.*

Em três de janeiro de 1945, na Itália, saía a primeira edição do jornal *Cruzeiro do Sul*,⁵ uma entre outras iniciativas do Serviço Especial da FEB para elevar o moral das tropas.⁶ Uma pequena nota registra: *o Cruzeiro do Sul [...] saúda os seus camaradas que, em todas as frentes e em todos os Exércitos Aliados, lutam pela liberdade do povo.*⁷ À direita, mensagem do General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB: *A Fôrça Expedicionária Brasileira trouxe para o campo de batalha da Europa mais de três séculos de tradição de amor à liberdade, bravura e tenacidade da nossa raça [...].*⁸ Acima, cumprimentos do General do V Exército Americano, Mark W. Clark, aos editores do jornal: *[...] olho para frente, para o dia em que as suas manchetes anunciarão a queda do inimigo comum.* À esquerda, palavras do General do 4º Corpo, Willis D. Crittenger: *[...] Depois de meses de preparação e treinamentos, assumisteis agora o vosso lugar como uma potente força combatente [...] ao lado dos exércitos das Nações Unidas, na luta pela paz do mundo e para a democracia [...].*⁹

Estava o comando ciente de que a formação de laços identitários a partir de crenças em torno de ideais comuns favorecia a coesão e, conseqüentemente, o desempenho das tropas; problema antigo, que já havia sido colocado em pauta pelo militar prussiano Carl von Clausewitz, no início do século XIX.¹⁰ A guerra concebida como disputa do bem *versus* o mal,¹¹ na versão dos Aliados traduzia-se na luta da

⁵ Os 34 números do jornal foram integralmente reproduzidos em edição fac-similar organizada por Roberto Mascarenhas de Moraes, filho do comandante da FEB e publicada em 2010.

⁶ Cf. Castello Branco (1960, p. 342-343).

⁷ Apud Mascarenhas de Moraes (2010).

⁸ Id.

⁹ Id.

¹⁰ Conforme os estudos de John Keegan, Clausewitz, no início do século XIX percebia a importância do comprometimento das tropas francesas com os valores da Revolução no bom desempenho dos exércitos napoleônicos sobre a Prússia. Dedicado a desenvolver uma teoria que garantisse a vitória dos exércitos de seu país em combates futuros, o veterano do 34º Regimento de Infantaria da Prússia enfrentava um dilema: *como se poderia ter as formas de guerrear praticadas pelos exércitos da República Francesa e Napoleão sem a política revolucionária? Como se poderia ter uma guerra popular sem um Estado popular?* A solução encontrada, ainda segundo Keegan, era fazer com que os soldados, ao participarem das guerras, se sentissem envolvidos em ações políticas para os interesses dos seus Estados. Influenciado pelas correntes idealistas da época, Clausewitz argumenta na sua obra *Von Krieg*, destinada aos militares, que os objetivos dos soldados deveriam se aproximar do que chama de *guerra verdadeira*. Contrapunha-se à idéia da *guerra real* – aquela que, baseada na natureza, fundamentava-se na covardia, na fuga, nos interesses individuais – e valorizava ideais como “*obediência total, coragem pura, auto-sacrifício, honra*”, que já eram parte da cultura regimental (KEEGAN, 1996, p. 33-34).

¹¹ Trata-se de um desdobramento da antiga formulação de Santo Agostinho sobre as guerras, que

democracia – ou da liberdade – contra o autoritarismo ou totalitarismo.¹² Terminada a guerra, esse discurso dos vencedores naturalmente predominaria sobre outros pontos de vista durante as décadas posteriores.

No Brasil, principalmente a partir de meados de 1945, a imagem da FEB passou a ser disputada em debates travados entre grupos políticos divergentes. Getúlio Vargas preparava as recepções dos expedicionários como celebrações de sua popularidade, com o apoio do Partido Comunista do Brasil.¹³ Forças opositoras, enquanto isso, retratavam na imprensa os expedicionários como *soldados da democracia*, destacando a contradição da existência no Brasil de um governo ditatorial, ao mesmo tempo em que suas tropas lutavam pelos princípios democráticos na Europa.¹⁴

Anos antes, a partir da declaração de guerra à Alemanha e à Itália em agosto de 1942, o Estado Novo – com propaganda oficial e controle da imprensa – difundia amplamente apelos patrióticos, visando mobilização econômica e militar¹⁵ para os esforços de guerra e coesão frente às tensões políticas que afloravam. Torpedeamentos de navios brasileiros que vinham ocorrendo desde os meses anteriores eram interpretados como parte de planos imperialistas alemães que visavam a anexação de parte do território brasileiro ao Reich, ameaçando assim a soberania nacional.¹⁶

classifica entre justas – basicamente as de defesa – e injustas – as de ataque. Uma das fragilidades da teoria consiste na ausência de critérios e de um juiz acima das partes, o que acarreta que ambos os lados podem ter razões consideradas justas. Cf. Bobbio, Norberto (2003, p. 76-79). Assim, nos argumentos alemães ou italianos, os ataques feitos a partir da década de 30 consistiam em uma reparação *justa* à humilhação imposta pelas grandes potências vencedoras da Primeira Grande Guerra (1914-1918).

¹² O conceito, mais tarde profundamente estudado por Hannah Arendt, na época era freqüentemente empregado pela grande imprensa, referindo-se aos regimes ditatoriais em geral Cf. Arendt (2000).

¹³ O líder do PCB, Luis Carlos Prestes, que havia sido libertado depois de ter passado anos na prisão desde o fracassado levante de 1935, tornava-se aliado de Vargas, incorporando [...] *a glória das vitórias febianas contra o nazi-fascismo em seus pronunciamentos; no mês do golpe [contra o regime vigente], apoiava o movimento “Constituinte com Getúlio”* (FERRAZ, 2002, p. 138).

¹⁴ Um anúncio publicado na época em que chegavam os ex-combatentes – que tinham defendido o Brasil com armas – os comparava aos eleitores – que deveriam defendê-lo com o exercício do voto. *O Estado de São Paulo*, 21 de agosto de 1945, p. 7. Apud Ferraz (2005, p. 128).

¹⁵ Como explica Toby Clark (2000), as guerras, a partir de 1914, não dependiam mais somente de disputas militares, mas também da opinião pública. Para que os países mais envolvidos na guerra conseguissem concentrar suas economias e esforços nacionais para as atividades bélicas, entre 1939 e 1945, foram fundamentais as agências e órgãos criados desde o período do conflito anterior para propaganda estatal ou controle de informação, muitas vezes nomeados nos países democráticos com eufemismos como “*serviços de informação*” ou “*educação pública*”.

¹⁶ A participação brasileira na guerra [...] *era legitimada por objetivos superiores e universais da democracia, defesa heróica da soberania nacional ultrajada, respeito às tradições seculares do Exército, etc.*, embora até os primeiros anos da guerra a ditadura do Estado Novo não apresentasse

A participação do Brasil na guerra encarada como uma luta pela liberdade ou pela defesa da soberania nacional entremeia livros escritos por oficiais da FEB, independentemente da data de publicação. Pouca distinção é feita entre as causas da declaração de guerra contra a Alemanha e a Itália e a decisão pela participação militar no confronto, sendo esta última tida como desdobramento natural da primeira. Relatam registros feitos durante a guerra pelo Tenente-Coronel Antonio Henrique Almeida de Moraes, na época capitão da FEB:

16 de julho [de 1944]

[...] Não tenho palavras para expressar a satisfação de ver o desembarque, em solo europeu, do primeiro contingente de forças brasileiras. A presença de meus patrícios neste Teatro de Operações constitui motivo de justo orgulho para a Nação brasileira tão rudemente agredida pelas potências do Eixo [...] (MORAES, 1953, p. 150).

Relatou o General Francisco de Paula Cidade, pouco após o término do confronto:

[...] sempre declarei que a única maneira digna de revidar afrontas da espécie das que nos tinham sido feitas era tomar parte na luta, que já se anunciava, contra os soldados do eixo: atravessar o oceano e levar ao território inimigo a mesma guerra que impiedosamente nos batia às portas [...] (CIDADE, 1946, p. 7).

O mesmo é ressaltado pelo comandante do contingente expedicionário General João Baptista Mascarenhas de Moraes (1947, p. 20-21), que – considerando as manifestações populares que ocuparam as ruas após os torpedeamentos de navios brasileiros – tece os seguintes comentários sobre a FEB: [...] *Tratava-se, sem dúvida, da criação de um instrumento militar nacional, destinado a desagravar a ofensa e a cooperar com as Nações Unidas na missão de destruir o inimigo comum.* O Tenente-Coronel Nelson Rodrigues de Carvalho, que foi capitão da FEB, menciona a luta pela liberdade quando trata da participação de um dos regimentos da FEB na campanha:

Pela primeira vez na História do Brasil Militar, um Regimento de Infantaria [Regimento Sampaio] integrando uma força expedicionária, cruzou os mares para pelejar numa Guerra Européia e por um ideal tão

quaisquer restrições ao nazismo e ao fascismo: pelo contrário, muitas das autoridades brasileiras do regime simpatizavam com os regimes autoritários europeus (FERRAZ, 2002, p. 72-73). Ao mesmo tempo, propagandas difundidas por grupos contrários ao posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados exaltavam as grandes virtudes das tropas nazistas e desencorajavam a participação brasileira no grande confronto. Cf. Tota (2000).

alevantado como o da liberdade dos povos (CARVALHO, 1953, p. 163).

Nas palavras do Tenente-Coronel Manoel Thomaz Castello Branco (1960, p. 560), que foi capitão da FEB: [...] *fomos arrastados pela palavra empenhada, pela honra ultrajada e pelo amor à liberdade, para orgulho das gerações presentes e exemplo para as que as sucederam no futuro.* O Major Raul Mattos Almeida Simões (1967, p. 195), que na FEB era aspirante a oficial, avalia a atuação das tropas brasileiras destacando a [...] *inestimável colaboração à vitória da liberdade sobre a tirania, elevando bem alto, no conceito dos outros povos, o nome do Brasil.* Uma obra do Tenente Gentil Palhares (1957) contém a seguinte afirmação: *Já não era a primeira vez que o Brasil se levantava para revidar uma afronta recebida. [...]*.¹⁷ No mesmo sentido, considerou – décadas depois – o General Carlos de Meira Mattos, que foi capitão da FEB:

A FEB foi uma resposta ativa de um povo soberano a tão insólitas agressões. A FEB foi a nossa participação como força combatente ao lado das nações que quiseram preservar no mundo os ideais de democracia e liberdade. [...] (MATTOS, 2001, p. 11).

As mesmas preocupações são observadas no livro de memórias de José Gonçalves, tenente da FEB desligado do Exército após a guerra, que menciona a vingança aos ataques feitos por submarinos alemães, acrescentando:

O Brasil aliara-se às nações democráticas para combater o totalitarismo nazifascista. Mesmo então, muitos membros da Força Expedicionária Brasileira perguntavam-se sobre o sentido de defender a democracia além-mar uma vez que, em seu próprio país, não existia liberdade política (GONÇALVES e MAXIMIANO, 2005, p. 26).

De forma análoga, para Antonio Batista de Miranda (1998), que pertenceu à FEB por breve período, pois sua unidade foi dissolvida antes do embarque para a Itália, a participação na guerra consistia numa reação às agressões sofridas e numa luta pela democracia contra os inimigos da liberdade. A defesa da *honra* nacional é preocupação explicitada no depoimento do livro de José Alves da Silva, que foi sargento da FEB, ao enfatizar a indignação da população brasileira diante dos torpedamentos de navios brasileiros:

¹⁷ Cf. PALHARES, Gentil. *De são João del Rei ao Vale do Pó*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957. p. 49-55. Apud Simões (SIMÕES, 1967, p. 15).

Foi uma afronta grande demais e, o ordeiro povo brasileiro como um só homem, de norte a sul e de leste a oeste mostrou sua ira com veemência, exigindo que nosso governo declarasse guerra aos países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. O povo praticamente não dormia, fazendo passeatas noite e dia e com profundo clamor pedia vingança.

Getúlio Vargas, atendendo aos clamores do povo comungava com este, declarando guerra aos inimigos. A sorte estava lançada: era viver de cócoras ou morrer com honra. [...] Teríamos que aceitar nosso destino e lutar sem esmorecimento até a vitória final (SILVA, 2001, p. 23).¹⁸

Alguns fragmentos sugerem o papel do Exército como difusor de ideais. O depoente descendente de alemães A.C.A.P. afirma que não estava inteirado sobre a guerra até que foi incorporado ao Exército, acrescentando: *Depois que a gente foi servir que a gente teve uma noção do que a gente estava servindo a pátria. Quer dizer que tinha que defender a pátria. [...]*.¹⁹ Em outra parte da entrevista, todavia, conta que sua família – que vivia em região de colonização alemã – acompanhava as notícias da guerra por meio de um jornal que seu pai recebia. O que provavelmente adquiriu no Exército, portanto, foi uma *nova noção*, relacionada à missão de defender a pátria.

Ferdinando Piske mencionou que a seguinte opinião foi formada durante sua experiência no Exército: [...] *Fui defender a soberania e a integridade da nação brasileira. Esse é o juramento que o soldado presta. E nós nos sentimos imbuídos da responsabilidade desse juramento prestado [...]*.²⁰ Gerd Emil Brunckhorst também relatou, referindo-se ao período em que serviu anteriormente à segunda convocação para o Exército: [...] *eu acreditava que eu tinha jurado à bandeira [...]*.²¹ Deve-se destacar que quartéis – e escolas – vinham sendo utilizados, desde o século XIX, pelos diferentes países que procuravam se firmar como Estados-nação, difundindo símbolos, valores e *tradições inventadas*, nos termos de Eric Hobsbawm (2006). O próprio Clausewitz foi

¹⁸ O mesmo é ressaltado no livro de Alcides Conejeiro Peres (s/d, p. 121-122), soldado da FEB: [...] *A comoção popular em torno do assunto tomou vulto. Estudantes se reuniam em diversas partes do País e pediam guerra [...]*.

¹⁹ A.C.A.P., veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1920, em Pelotas-RS. Depoimento concedido em 23 de abril de 2009, em São Lourenço do Sul-RS. Nome do depoente omitido pela impossibilidade de entrar em contato após a entrevista para possibilitar a obtenção de carta de autorização.

²⁰ Ferdinando Piske, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1923, em Timbó-SC. Depoimento concedido em 09 de abril de 2005, em Jaraguá do Sul-SC.

²¹ Gerd Emil Brunckhorst, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1920, no Rio de Janeiro. Depoimento concedido em 30 de janeiro de 2010, em São Paulo.

oriundo de um regimento que é considerado por John Keegan (1996, p. 31) um dos precursores dessas *escolas de nação*.

Entretanto, sentimentos expressos acima contrastam com o que é constatado por historiadores sobre a situação da população brasileira enquanto a FEB era organizada no Brasil: estava alheia aos acontecimentos relativos ao confronto, sobretudo os habitantes de regiões distantes das áreas metropolitanas – ou seja, de grande parte do território nacional – onde predominava a economia agrícola e o acesso a meios de comunicação de massa era bastante restrito. A constatação é especialmente significativa se for considerado que desses estratos foi oriunda grande parte do contingente das tropas brasileiras enviadas à guerra.²²

As manifestações populares clamando pela participação efetiva na guerra – ou comícios, como contam os ex-combatentes – que invadiram as ruas, apesar das proibições desse tipo de atividade, restringiam-se às grandes cidades. Os brasileiros em geral estavam, de acordo com Francisco César Ferraz (2004, p. 88), [...] *Preocupados mais com a batalha da sobrevivência diária [...]*. Assim descreve o historiador os sentimentos do primeiro contingente da Força Expedicionária Brasileira a ser transportado para a Itália: *Derrotismo, pessimismo, indiferença. Mais que uma simples divisão de exército expedicionária, estava embarcando para a Itália um pouco da ansiedade e identidade nacionais [...]*. Em obra posterior, destaca novamente o autor: [...] *sua compreensão do que era aquela guerra e das razões por que lutar nela era, em geral, mínima* (FERRAZ, 2005, p. 49). Concorda com essa interpretação, a percepção expressa no livro do veterano da FEB Joaquim Xavier da Silveira:

Na época em que a FEB foi organizada, a eletrificação rural era praticamente inexistente, o rádio de pilha ainda não tinha sido inventado, as notícias do mundo chegavam como um eco distante. Havia assim uma enorme faixa da população que, dos acontecimentos que originaram a guerra e do envolvimento do Brasil e dos motivos que levaram o País a intervir no conflito, tinha total e completo desconhecimento. Por isso, uma parcela expressiva dos soldados da FEB foi para a Itália sem saber o motivo da guerra, ignorando assim por que lutava (SILVEIRA, 2001, p. 136-137).

²² Cf. Ferraz (2004, p. 88).

O veterano da FEB Manuil Goethel Piegas, descendente de alemães que não vivia em localidade de colonização predominantemente teuta, relatou seu desconhecimento em relação ao nazismo ou à democracia:

[...] Os adolescentes naquela época pensavam mais o seguinte: eu, [no] meu caso, vou falar o meu caso, eu estava com 18 anos, precisava arrumar um certificado de reservista pra eu poder trabalhar, porque ninguém empregava ninguém sem o certificado de reservista, porque depois tinha que servir, aí ficava a firma desfalcada de empregados. [...] sobre o nazismo, isso sempre foi coisa... Desculpa, viu... Coisa de intelectual. Tá? [...]²³

O ex-combatente da FEB Manoel Antonio Linhares relata em seu livro de memórias que, como ele, outros expedicionários não tinham noção do que era a guerra na qual lutariam, até a viagem para a Europa:

[...] perguntávamos: e nós para onde vamos? por quê esta guerra? De repente, alguém falava: é o que “eles” querem, “eles” nos provocaram, “eles” afundaram nossos navios indefesos ao longo da cota do Brasil, e aqui estamos nós para vingar nossos mortos metralhados em suas jangadas quando não tinham nada a ver com a guerra. E estes “eles” muitas vezes não tinham nacionalidade, nem rostos mas, eram aqueles que atacaram nossa pátria, que mataram nossos homens, assim sendo, aqui estávamos nós indo ao encontro “deles”, em defesa de nossa honra ultrajada (2004, p. 43).

Lembra o ex-combatente Boris Schnaiderman, atualmente professor aposentado da Universidade de São Paulo, que os expedicionários em geral achavam durante as operações na Itália que a participação militar brasileira na guerra associava-se à pressão feita pelos Estados Unidos, com o apoio do Ministro de Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, e a *interesses financeiros*.²⁴ Versão semelhante é mantida até hoje pelo ex-combatente descendente de alemães Edgar Kielwagen que até hoje vive em Blumenau, SC: [...] *Isso tudo era interesse financeiro para tirar vantagens* [...].²⁵

O diário do ex-combatente descendente de alemães Walter Carlos Hertel, que vivia em Jaraguá do Sul, SC, confirma que ao menos parte dos jovens integrantes da FEB não se preocupava com os valores universais difundidos pelo comando da FEB e

²³ Manuil Goethel Piegas, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1922, em Uruguaiana-RS. Depoimento concedido em 22 de abril de 2009, em Porto Alegre.

²⁴ Palestra proferida em 15 de junho de 2009 no Rio de Janeiro, durante o *Primeiro Seminário de Pesquisadores da Força Expedicionária Brasileira*.

²⁵ Edgar Kielwagen, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1921, em Blumenau-SC. Depoimento concedido em 20 de abril de 2009, em Blumenau-SC.

pelo governo brasileiro. Os torpedeamentos de navios brasileiros não são sequer mencionados nas anotações do expedicionário, tampouco qualquer preocupação com a honra ou soberania nacional. Não demonstra sentimentos patrióticos quando menciona atividades de instrução vinculadas ao propósito de cultuar símbolos nacionais:

14 de Agosto de 1944. Domingo.

[...] Após o rancho houve formatura. O General cortou um 12 pois a turma não quis cantar. Cantaram o Hino Nacional e Salve a América.
[...] (p. 33)

17 de Agosto de 1944. Quarta-feira

Chatearam-nos novamente desde às 5 horas com formatura e canto.
[...] (p. 35)

A respeito dos ideais democráticos, poucos depoentes se manifestaram. Quase uma exceção foi o caso de Ferdinando Piske, que se posicionou enfaticamente contra a ditadura, especificando que adquiriu essas idéias depois de sua incorporação no Exército:

Getúlio era uma ditadura. Infelizmente, era a ditadura mais sanguinária que já existiu nesse país. Era tudo só a vontade dele. Inclusive, me lembro de uma vez que eu li no jornal que ele governava por decreto-lei. Em vez de ter Congresso, ele baixava decreto-lei. Então, às vezes ele tomava umas atitudes, umas decisões, e os ministros diziam “Mas, Senhor Presidente, o senhor não pode fazer isso, isso é contra a lei”. E ele disse “A lei? Ora, a lei!”, e fazia. Essa era a filosofia dele. A lei era decretada por ele mesmo, e ele desrespeitava. Foi um período difícil no país.²⁶

Um diálogo lembrado por Gerd Emil Brunckhorst, durante o qual assumiu uma postura contra a ditadura, também diz respeito à época em que já estava no Exército, antes do embarque para a Itália:

[...] Outra experiência, anterior também do embarque, que marcou tempo para mim foi quando uma vez quando um subcomandante do batalhão informalmente interrogou sobre as minhas idéias do porquê da nossa participação na guerra contra as forças do Eixo. Ele me perguntou “por que é que você acha que nós vamos participar dessa guerra?” Aí eu fui um pouco imprudente porque o Brasil naquele tempo era regido por uma ditadura. Eu respondi: “para conseguirmos um governo mais democrático”. O capitão que exercia o cargo de subcomandante interinamente: “você acha que nós não temos uma democracia?”. Eu disse: “não. Democracia presume eleições livres, um congresso eleito pelo povo e liberdade de imprensa”. Quando

²⁶ Ferdinando Piske, depoimento citado.

recebi a resposta taxativa: “Não, você está enganado. Nós temos uma democracia. Uma democracia dirigida”. [...] ²⁷

De acordo com o que relata Joaquim Xavier da Silveira, essa percepção foi partilhada pelos expedicionários, em geral, na Itália:

[...] Na Itália, o soldado brasileiro conheceu aliados como os norte-americanos, que lutavam pela democracia, pela sua maneira de viver, tendo no seu país a razão para a luta. Lutavam para preservar a liberdade. [...] O pracinha tomou conhecimento de que lutava pela sobrevivência do sistema democrático, sistema esse que não tinha em seu país. Esse aparente conflito entre o que representava o sistema político brasileiro não abateu o ânimo, nem o moral da tropa, nem modificou seu comportamento, pois se tratava de uma tropa calejada pela vida dura de campanha e com a coesão aprendida na refrega. [...] (SILVEIRA, 2001, p. 143)

Por outro lado, houve declarações de ex-combatentes que manifestaram simpatia pelos regimes ditatoriais, o que não significa necessariamente que já se preocupavam com o assunto à época da guerra mas que – ao menos – provavelmente não mantinham uma posição contrária. Arnaldo Müller, por exemplo, afirmou que o regime liderado por Getúlio Vargas era uma ditadura, mas seus comentários sobre o regime relacionam-se a seu líder, e não à forma de governo: [...] *era uma pessoa boa, viu... Meu Deus! Como ele fez leis maravilhosas pra nós!*²⁸ Já Edgar Kielwagen relatou que achava na época da guerra que o nazismo, uma ditadura, era um bom regime. E Manuil Goethel Piegas, que considera que era bom o regime liderado por Vargas justamente por ser uma ditadura:

[...] era um só a mandar e o resto a obedecer. Na atualidade é muitos a mandar e ninguém a obedecer. Não é verdade? E além disso o que nós temos nesse Congresso Nacional, não é? Então eu digo que eu não sei se o povo brasileiro estaria mesmo já apto para receber a verdadeira democracia. Porque democracia é coisa séria, não é esse abuso que tem por aí. Essa é a verdade. [...] ²⁹

Opinião semelhante à expressa por Demócrito Cavalcanti de Arruda muito raramente apareceu nas entrevistas com ex-combatentes:

Como os soldados imperiais, os soldados da FEB, em contacto com os exércitos anglo-americanos da Itália, se sentiam vexados, humilhados

²⁷ Gerd Emil Brunckhorst, depoimento citado.

²⁸ Arnaldo Müller, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1919, em Gaspar-SC. Depoimento concedido em 11 de março de 2009, em Blumenau-SC.

²⁹ Nesse caso, conforme o relato do próprio depoente, trata-se de uma avaliação posterior, pois afirma que quando era jovem não se preocupava com política.

pela situação interna do nosso país e os nossos sentimentos só começam a desabafar na jornada de 29 de outubro de 1945, que depôs a ditadura, e na jornada de 18 de setembro de 1946, que devolveu à Nação o regime constitucional. (ARRUDA, 1949, p. 52)

Nesse sentido, relatou Ferdinando Piske:

[...] em outubro de [19]45, as forças armadas entenderam que seria incoerente o Brasil ter mandado uma Força Expedicionária para a Itália para combater o nazismo, uma idéia profundamente totalitária, e tolerar um governo totalitário, mais sanguinário do que o de Hitler. Então, eles tiraram ele do governo.³⁰

Problematiza-se a interferência de versões difundidas pela mídia, na medida em que as forças que depuseram Getúlio Vargas do poder utilizaram-se amplamente da FEB e de seus “soldados da democracia”. Conforme Alistair Thomson, Michael Frisch e Paula Hamilton:

[...] Tem havido muita preocupação com a penetração da cultura popular no processo de rememoração, com a possibilidade de as pessoas passarem a relatar as experiências que viram na televisão, por exemplo, como se fossem suas, substituírem suas experiências de testemunhas oculares ou participantes. [...] Teme-se que a cultura de massa empobreça “nossas memórias originais” e que uma versão mais homogeneizada tome seu lugar [...] (THOMSON, FRISCH e HAMILTON, 2005, p. 90).

O ex-combatente Nilson Vasco Gondin, por exemplo, reproduz um trecho de um artigo feito por Joel Silveira na época da guerra para comprovar o papel da FEB para o fim da ditadura no Brasil:

A FEB está aqui contra a vontade de Vargas. E, se nossos soldados tiverem sucesso nos Apeninos, podem estar certos de que, no Brasil, a ditadura getulista chega ao fim. Pois a verdade é que a FEB está lutando em duas guerras: a propriamente dita, contra os soldados alemães, e uma outra, interna, que, se vitoriosa, fatalmente levará à redemocratização do Brasil.³¹

Ainda que considerando a opinião pública como fenômeno de curta duração, alerta Jean-Jacques Becker (2003, p. 192) que a propaganda *só tem chance de ser bem-sucedida quando acompanha as tendências profundas da opinião pública*, inseridas em um meio mental de duração mais longa. Sabe-se que o Brasil estava longe de ser um país com tradições democráticas e que o golpe liderado por Getúlio Vargas em 1930

³⁰ Ferdinando Piske, depoimento citado.

³¹ Apud Gondin (2000, p. 71).

reuniu, dentre outros grupos, justamente forças que estavam descontentes com as fraudes eleitorais, citando um dos muitos problemas. A maioria dos praças, conforme Francisco César Ferraz (2002, p. 138), simpatizava com o governo personalista liderado por Getúlio Vargas – como a população brasileira em geral – e em seu retorno ao Brasil eles estavam mais preocupados com o reencontro com suas famílias do que com questões políticas do país.³²

Assim, deve-se ter em mente implicações do estudo das memórias assim resumidas por Jean-Jacques Becker em um artigo sobre o *arquivo provocado* – termo criado por Jacques Ozouf – ou *autoprovocado* (no caso das memórias deliberadamente registradas pelos depoentes):

[...] pode resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas deliberadamente para “coincidir” com o que é pensado muitos anos mais tarde, lembranças transformadas simplesmente para justificar posições e atitudes posteriores (BECKER, 2005, p. 28).

Democracia, ditadura: nenhum desses conceitos aparece no longo diário de anotações registradas durante a guerra pelo expedicionário descendente de alemães Walter Carlos Hertel, mesmo quando relata sobre tentativas do comando para convencer os soldados a desejarem o combate em linha de frente:

10 de Agosto de 1944. Quarta-feira.
[...] À tarde o sub-comand[andante] e depois o capitão da Cia. falaram para a Cia. si devemos ou não entrar em combate, por que devemos combater, por que devemos esforçar-nos a conhecer o armamento novo que está sendo desenca[i]xotado como também 6.000 carros pertencentes à Divisão. Qual a forma de lidar com prisioneiros, tratá-los com humanidade etc. O capitão perguntou a um soldado que fora rebaixado de cabo a soldado devido discussão no Rio com um capitão, si ele queria entrar em combate ou si faria gosto que a guerra acabasse antes de nós poder combater. O soldado resp[ondeu] que era melhor que a guerra acabasse antes p[ara] o capitão. Não esperam tal resposta, pois minutos antes convencem a todos que todos nós temos que querer entrar em combate. Mencionam também a nossa possível regresso para o Brasil e a nossa conduta perante o povo que em vez de receber tropas experimentadas no real vêem os mesmos homens e dina, que neste caso o Brasil não teria direito nas conferencia de paz. O rapaz

³² Cf. Ferraz (2002, p. 138). Conforme o autor, por outro lado, [...] a maioria dos oficiais era contra o Estado Novo, contra a permanência no poder do seu presidente,

com a conversa do capitão ficou meio confuso e disse na próxima pergunta que queria entrar em combate. [...] ³³

O autor do diário compreende os sentimentos de seu colega expedicionário:

[...] Isto achei bastante ridículo, pois o i[n]stinto de cada homem prevê o perigo e homens normais procuram desviar este perigo que neste caso é o combate real e só espíritos aventureiros terão prazer em tomar parte numa operação destas. [...]

Em seguida, apresenta sua opinião sobre o assunto:

[...] Estou agora num certo ponto de acordo com o querer entrar em combate pois além do intento de conservação e amor próprio e outros sentimentos temos um que é maior do que qualquer outro embora que em tempo de paz nunca o percebi e somente sendo a desgraça na qual se acha presentemente a Itália e pondo o Brasil no lugar deste desgraçado país preferia em mil vezes o combate e morte do que ver nossas famílias sofrer tanto, que para poder manter-se as nossas mães e irmãs tomar a prostituição por ofício e único recurso de vida. Mais tarde nada mais houve a não ser a revista e uma boa rodada de chimarrão (p. 27-29).

Quando trata das motivações para o combate assim que chegou à Itália, portanto, o pensamento de Walter Carlos Hertel volta-se para sua família, preocupação bem presente no diário de outro ex-combatente da FEB, Sebastião Boanerges Ribeiro (2002). Uma única – e vaga – menção do extenso diário de Walter Carlos Hertel talvez possa ser identificada com os valores democráticos, libertários ou anti-nazistas, de sete de setembro de 1944, que se refere a uma luta [...] *pela causa comum dos povos* [...].³⁴

Quando se refere à interação com a população italiana, contudo, o diário de Walter Carlos Hertel relata com frequência que os expedicionários brasileiros eram chamados de libertadores. Seguem anotações de 21 de setembro de 1944:

[...] Chegamos em Pommezano às 8 horas e a alegria do povo foi enorme. Fizemos um verdadeiro comício na praça, estávamos

³³ Poucos dias depois do registro acima, relata o expedicionário descendente de alemães sobre expedicionários brasileiros que se feriram durante os treinamentos, ao pisar acidentalmente em minas: [...] *Estes são as primeiras vítimas da nossa longa jornada e segundo o capitão [...] devemos agora mais do que nunca alimentar o desejo de entrar em combate afim de ser os primeiros a matar e a vingar* [...] (p. 32).

³⁴ *Quinta Feira, 7 de Setembro de 1944. Dia de grandes festividades no Brasil. Deve haver paradas e desfiles em todo país, e, com certeza, todo Brasileiro está hoje com o pensamento para o filho, irmão ou conterrâneo que longe do Brasil está lutando pela causa comum dos povos* (p. 44).

rodeados do povo que nos chamava de libertadores e trouxeram [...] flores, vinho e frutas.³⁵

Se nas entrevistas com ex-combatentes verificam-se raras menções à liberdade como conceito,³⁶ talvez nessas situações Ervino Riffel tenha adquirido a convicção a seguir: [...] *Como libertadores nós queríamos libertar a Itália do nazi-fascismo, isso era a nossa missão...* [...].³⁷ Do mesmo modo, afirmou João Carturano, quando indagado sobre os motivos que levaram a FEB a combater a Alemanha:

Para libertar o mundo... Porque a Alemanha estava tomando conta de tudo. E aí nós fomos libertar o pessoal italiano que estava sofrendo com os alemães. E fomos libertar, porque Hitler era um carrasco... Fomos libertar o mundo... Liberdade, levar liberdade para o mundo.³⁸

Se é possível – e provável – que opiniões e sentimentos divergentes tenham sido mantidos entre os expedicionários, o estudo de depoimentos de ex-combatentes subalternos da FEB consultados parece indicar que seus sentimentos formavam-se principalmente nas experiências cotidianas, às vezes aparentemente alinhando-se a valores difundidos pelo comando da FEB e pela imprensa brasileira, mas não necessariamente com a mesma significação. Aproxima-se, portanto, da hipótese proposta por José Murilo de Carvalho (2002, p. 10) ao analisar o sobre o diário de seu tio, Sebastião Boanerges Ribeiro: o autor atribui a ausência no texto de valores como liberdade e democracia principalmente ao [...] *fato de que essas palavras eram abstrações muito distantes do cotidiano dos pracinhas no próprio Brasil e, sobretudo, no seu cotidiano no campo de batalha [...]*.

³⁵ Walter Carlos Hertel, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1922, em Jaraguá do Sul-SC. Depoimento concedido em 12 de novembro de 2010, em Jaraguá do Sul-SC.

³⁶ Exceção é encontrada, por exemplo, no livro de Antonio Batista de Miranda, que se refere aos alemães nazistas como *os inimigos da liberdade* (MIRANDA, 1998, p. 23).

³⁷ Ervino Riffel, veterano da FEB descendente de alemães, nascido em 1919, em Brusque-SC. Depoimento concedido em 08 de abril de 2005, em Brusque-SC.

³⁸ João Carturano, veterano da FEB, nascido em 1916, em Brusque-SC. Depoimento concedido em 12 de março de 2009, em Blumenau-SC.

Referências Bibliográficas

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. 4ª reimpressão, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 4ª reimpressão.

ARRUDA, D. C. Nossa participação na I e na II Guerra Mundiais. In: ARRUDA, D. C., et al. **Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB.** 1. ed. São Paulo: Instituto Ipe Editorial, 1949. Cap. II, p. 21-52.

BECKER, J.-J. A opinião Pública. In: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política.** Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. Cap. 6, p. 185-212.

BECKER, J.-J. O handicap a posteriori. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 27-32.

BOBBIO, N. **O problema da guerra e as vias da paz.** Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

CARVALHO, J. M. Apresentação. In: RIBEIRO, S. B. **Diário de campanha.** [S.l.]: Sebastião Boanerges Ribeiro, 2002.

CARVALHO, N. R. **Do Terço Velho ao Sampaio da FEB.** Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1953.

CASTELLO BRANCO, M. T. **O Brasil na II Grande Guerra.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

CIDADE, F. P. G. **Nápoles e pouco mais.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1946.

CLARK, T. **Arte y propaganda en el siglo XX: La imagen política en la era de la cultura de masas.** Tradução de Isabel Balsinde. Madrid: Ediciones Akal, 2000.

FERRAZ, F. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FERRAZ, F. C. Os veteranos da FEB e a sociedade Brasileira. In: CASTRO, C.; IZECKSOHN, V.; KRAAY, H. (org.). **Nova história militar brasileira.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FERRAZ, F. C. A. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000).** Tese de Doutorado. História Social. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2002.

GONÇALVES, J.; MAXIMIANO, C. C. **Irmãos de armas: Um pelotão da FEB na II Guerra Mundial.** São Paulo: [s.n.], 2005.

GONDIN, N. V. **Liberdade escrita com sangue: Um manezinho na Segunda Guerra Mundial.** Florianópolis: Insular, 2000.

HOBSBAWM, E. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-15.

KEEGAN, J. **Uma história da guerra.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LINHARES, M. A. **A cobra vai fumar: Memórias de um soldado da Força Expedicionária Brasileira.** Florianópolis: Rocha, 2004.

MASCARENHAS DE MORAES, J. B. **A FEB pelo seu comandante.** 1. ed. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

MATTOS, C. M. G. Apresentação. In: SILVEIRA, J. X. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Expressão e Cultura, 2001. p. 15-20.

MIRANDA, A. B. **Guerra: Memórias.** Destino. Belém: A. B. de Miranda, 1998.

MORAES, A. H. A. T. C. **No teatro do Mediterrâneo.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1953.

RIBEIRO, S. B. **Diário de campanha.** Belo Horizonte: Edição do autor, 2002.

SILVA, J. A. **A saga de um catarina na FEB.** Florianópolis: Edição do autor, 2001.

SILVEIRA, J. X. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.: Editora Expressão e Cultura, 2001.

SIMÕES, R. M. A. **A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial: Uma antologia.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.; HAMILTON, P. **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 65-92.

TOTA, A. P. **O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Fontes documentais

ENTREVISTAS REALIZADAS

A.C.A.P. São Lourenço do Sul, RS, 23/04/2009.

BRUNCKHORST, Gerd Emil. São Paulo, SP, 30/01/2010.

CARTURANO, João. Blumenau, SC, 12/03/2009.

HERTEL, Walter Carlos. Jaraguá do Sul, SC, 12/11/2010.

KIELWAGEN, Edgar. Blumenau, SC, 20/04/2009.

MÜLLER, Arnaldo. Blumenau, SC, 11/03/2009.

PIEGAS, Manuil Goethel. Porto Alegre, RS, 22/04/2009.

PISKE, Ferdinando. Jaraguá do Sul, SC, 09/04/2005.

RIFFEL, Ervino. Brusque, SC, 08/04/2005.

ACERVOS PARTICULARES CONSULTADOS

Acervo pessoal de Walter Carlos Hertel:

Documento consultado: diário de campanha (1944-1945).